

A literatura no cenário da pós-modernidade: ecos do fragmentário no conto “Curso Superior”, de Marcelino Freire

Rondinele Aparecido RIBEIRO¹

Resumo

Muito se tem discutido e postulado acerca da condição denominada de pós-modernidade. De modo geral, o homem do final do século XX não se apresenta com uma identidade única, mas com várias identidades, que são alteráveis e descartáveis. Na ficção literária contemporânea, observa-se a focalização dessas vertentes de uma maneira profícua. Por essa razão, o presente texto encara a narrativa pós-moderna como a representação de uma sociedade fragmentada em que a descartabilidade das relações interpessoais é uma recorrente, gerando um indivíduo cada vez mais ensimesmado e embrutecido, o que pode levar a uma crise de identidade(s). Assim, o presente artigo terá como objeto de análise o conto “Curso Superior”, do escritor contemporâneo Marcelino Freire. Pretende-se com este texto mostrar como o enunciador retrata as angústias do típico sujeito fragmentado da pós-modernidade.

Palavras-chave: Pós-Modernidade. Identidade. Literatura Contemporânea. Marcelino Freire.

Abstract

Much has been discussed and postulate about of the condition called postmodernism. In a general way, the man of the final of the century XX, does not possess a unique identity, but multiple identities, which are alterable and disposables. In the contemporary literary fiction, we observed the focalization these aspects a fruitful way. For the reason, the present text see the postmodern narrative as a representation of a society, fragmentary in which disposability of the interpersonal relations is a recurrent, generating an individual more and more bound up himself and hardened, the which may lead to an identity crisis. Thus, this text will have as its object of analysis the short story “Curso Superior”, of the contemporary writer Marcelino Freire. It is intended show how the enunciator portrays the anguish of the typical fragmented subject of postmodernity

Keywords: Postmodernity. Identity. Contemporary literature. Marcelino Freire.

¹ Graduado em Letras-Literatura pela UENP – Campus de Jacarezinho. Docente da UNIESP-FANORPI. Especialização em Cultura, Literatura Brasileira e Língua Portuguesa. Membro do Grupo de pesquisa Cultura Popular e Tradição Oral: Vertentes (UNESP-ASSIS). E-mail: rondinele-ribeiro@bol.com.br

Introdução

O modernismo significou para a Literatura Brasileira uma profunda ruptura com um padrão estético que versava sobre um conteúdo artificialista, portanto muito distante de representar o genuinamente nacional. Por essa razão, o grupo de intelectuais que surge no início do século XX apresentou uma proposta que objetivou renovar a literatura e as demais artes. Para tanto, adotaram o nacionalismo crítico como forma de superar a condição de arte conservadora pela qual passava a literatura brasileira.

Curiosamente, dessa atitude crítica surge uma condição para a literatura brasileira: o despertar de uma autonomia em relação à produção literária estrangeira, o que acabou significando o abandono da importação de modelos estéticos produzidos nas grandes metrópoles culturais do mundo.

Hoje, passados mais de 90 anos dessa grande renovação ruptória imposta pelo grupo, inquieta-nos a condição do atual estágio de nossa literatura. As transformações significativas ocorridas após o término da Segunda Guerra Mundial tendo como consequências a redefinição de fronteiras geopolíticas, o avanço científico, crises econômicas, aumento significativo da violência bem como o acesso imediato a informações anunciavam a chegada de uma nova era. No cenário nacional, por exemplo, tem-se nas décadas de 1960 e 1970 anos de profunda efervescência cultural com um período de ditadura, que se iniciou no ano de 1964, teve-se uma era marcada por repressão e tortura, o que influenciou consideravelmente a produção literária do período, legando experiências para o período seguinte.

A condição Pós-Moderna e a renovação literária

O pós-moderno, embora seja tão comentado e discutido, ainda possui uma definição repleta de lacunas, ou até mesmo, distorções. Isso prova que um conceito para um tema basilar na teoria social ainda é pouco aceito ou compreendido. Para se ter uma ideia do quão controverso é o termo, alguns teóricos são céticos ao tratarem acerca da pós-modernidade e se questionarem se seria lícito empregar esse termo para se referir a países situados fora dos países desenvolvidos. Linda Hutcheon, por exemplo, postula ser o movimento “um fenômeno cultural internacional, pois é basicamente europeu e

(norte e sul-americano)” (HUTCHEON, 1995, p.20). Vê-se, então, que na visão da autora, o pós-moderno não é entendido como um fenômeno amplo global. Ainda mais radical é o ponto de vista do estudioso Jameson (1994) para quem a pós-modernidade em sua essência é a norte-americana.

Na contramão dessas opiniões, é o ponto de vista de teóricos situados em países periféricos do cenário global. Para se citar um exemplo na América Latina, tem-se o estudioso Nestor Garcia - Canclini. O autor emprega a expressão “hibridização cultural” como marca característica do continente. No plano do desenvolvimento, o teórico elege como fio condutor de seus postulados a heterogeneidade existente nos países do continente. Nas suas palavras:

Hoje concebemos a América Latina como uma articulação mais complexa de tradições e modernidades (diversas, desiguais), um continente heterogêneo formado por países onde, em cada um, coexistem múltiplas lógicas de desenvolvimento. Para repensar esta heterogeneidade é útil a reflexão antievolucionista do pós-modernismo, mais radical que qualquer outra anterior (GARCIA-CANCLINI, 1997, p.28).

O ponto de vista de Canclini deve ser visto como uma forma de relacionar o pós-moderno com uma ampla hibridização cultural ocasionada pelos estágios de desenvolvimento da América Latina.

Traçando uma trajetória acerca do emprego do termo pós-moderno, constata-se ser Lyotard o primeiro a definir um conceito para o pós-moderno no fim dos anos 70 e início dos anos 80. Para o teórico, a era pós-moderna é aquela em que não há metanarrativas. É a era em que há predominância dos jogos de linguagem em que a multiplicidade e a heteromorfia predominam em uma sociedade pontilhista marcada pela impossibilidade de estabelecer regras gerais. Assim, esse período se notabiliza pela recusa de narrativas longas em que se verifica ainda uma forte consciência do fracasso.

Em oposição à Era Clássica, que assinala o apogeu do capitalismo competitivo, da família enquanto instituição nuclear, a atual etapa da sociedade se configura pela predominância do capitalismo corporativo, que se convencionou denominar de “homem da organização”. Essa era é também conhecida como a “era das burocracias” e da redefinição do papel do Estado. Ademais, pontua-se esse estágio como sendo o da redefinição do papel do Estado. Em síntese, pode-se falar que a atual etapa

experimentada pela humanidade assinala a quebra do conceito do indivíduo singular e burguês.

Giddens (1990) credita às sociedades modernas o fato de serem sociedades de mudanças constantes e rápidas. Nas palavras do autor: “Nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um meio de lidar com o tempo e com o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas recorrentes” (GIDDENS, 1990, p.37-38).

Bauman, por sua vez, ao tecer considerações acerca do estágio atual da sociedade, cria a expressão “modernidade líquida” justamente pelo fato de se passar por grandes e rápidas mudanças em um espaço cada vez mais reduzido de tempo. Assim, a solidez, que uma característica da era moderna, cai, surgindo a ideia de “liquidez”. Nas palavras do autor:

No mundo líquido moderno, de fato, a solidez das coisas, tanto quanto a solidez das relações humanas, vem sendo interpretada como uma ameaça: qualquer juramento de fidelidade, compromissos a longo prazo, prenunciam um futuro sobrecarregado de vínculos que limitam a liberdade de movimento e reduzem a capacidade de agarrar no voo as novas e ainda desconhecidas oportunidades. A perspectiva de assumir uma coisa pelo resto da vida é absolutamente repugnante e assustadora. E dado que inclusive as coisas mais desejadas envelhecem rapidamente, não é de espantar se elas logo perdem o brilho e se transformam, em pouco tempo, de distintivo de honra em marca de vergonha (BAUMAN, 2009, p.662).

Assim, emerge no meio acadêmico um consenso de que o homem da contemporaneidade não apresenta uma única identidade, mas sim várias identidades fragmentadas.

A Literatura estilhaçada

Observa-se na Literatura dos anos 60 e 70, uma quantidade de escritores se voltarem para as massas. Nos anos 80, como consequência da abertura política, assiste-se a uma multiplicação de nomes e de modalidades literárias. Tal característica continua

prevalecendo na década de 90 em que se observa a manutenção de uma narrativa curta, a produção de obras memorialistas. Enfim, pode-se falar que a literatura compreendida na pós-modernidade é multifacetada e se apresenta como uma profusão enorme de temas e de técnicas. Assim, esse período ganha o status de experimentação devido à quantidade de formas e de modalidades narrativas, que acabam refletindo uma literatura cada vez mais fragmentária

Pode-se falar que um dos escritores mais importantes dessa época é o ficcionista João Antônio escritor da obra “*Malagueta, Perus e Bacanaço*”, datada de 1963. Nesse conjectura, assiste-se também à paródia histórica, podendo-se citar a obra de Márcio de Souza intitulada “*Galvez, o imperador do Acre*”. Desse mesmo período faz parte a obra “*A Pedra do Reino*”, do escritor Ariano Suassuna. Pode-se citar ainda “*Sargento Getúlio*”, de João Ubaldo Ribeiro, obra datada de 1971 assim como a obra de Suassuna.

Na tendência da alegoria e do realismo fantástico podem ser citados José J. Veiga e Érico Veríssimo. O primeiro é autor de “*A máquina extraviada*”, obra datada de 1967 e “*Sombras de reis barbudos*”, datada de 1972; já Veríssimo, é autor de “*Incidente em Antares*”, obra datada de 1971.

Nesse período, tem-se também a produção de uma literatura engajada, que se propunha a retratar e a documentar a história recente e trágica do país. Tem-se essa situação na obra “*As Meninas*”, de Lygia Fagundes Telles, de 1973. Tem-se essa característica também em “*Fazenda Modelo*”, de Chico Buarque de Holanda”, obra datada de 1974. “*Feliz Ano Novo*”, de Rubem Fonseca é outra obra que merece ser citada. “*Passageiro da Agonia*”, de José Louzeiro, datada de 1975 também se enquadra nessa vertente.

De modo geral, a condição pós-moderna acarreta para a literatura uma série de características. Dentre elas, merecem destaque o emprego de narrativas curtas, a incorporação de técnicas de legitimação da pluralidade, a desestruturação do enredo, a ficcionalização de outros gêneros e o realismo mágico.

Nos anos 90, é notório que o destaque recaiu para obras cujas vozes narrativas voltaram-se para a representação das temáticas ligadas à violência caracterizadoras da experiência urbana de grupos marginalizados socialmente. Nesse grupo, ganha destaque o rol daqueles que cultivam uma escrita geradora de dúvidas quanto a separação entre o

real e o ficcional, já que seus autores são legítimos representantes das mesmas categorias sociais representadas. A esse respeito, Pires (2011) pontua que tal dubiedade ocorre pelo fato de que tais escritores serem oriundos da cultura periférica e por utilizarem uma técnica desprovida do processo de mediação caracterizado por aquele que sempre falou por eles. Pires cita dois exemplares dessa categoria ficcional: as obras “*Cidade de Deus*”, escrita por Paulo Lins e “*Capão Pecado*” (2000), escrita por Férrez. Ambos têm em comum o fato de se representarem o periférico. *Cidade de Deus* tem como intuito retratar as transformações ocorridas pelo conjunto habitacional de mesmo título da obra, enfocando a pequena criminalidade vivenciada nos anos 60 até a situação caótica dos anos 90 com um grande índice de violência, domínio do tráfico de drogas. Por sua vez, “*Capão redondo*”, enfoca o drama de vida de um garoto extremamente sonhador, que almeja ser escritor. Paralelamente a esse sonho, retratam-se os elementos marginalizadores cotidianos do lugar, tais como miséria, violência, drogas, assassinatos.

No rol de escritores que apresentam as mesmas qualidades literárias dos anteriores, podem ser citados Marçal Aquino, que focaliza aspectos de denúncia social de uma forma breve e dilacerante. Além do escritor Luiz Ruffato, Fernando Bonassi e Menalton Braff. Tais escritores têm em comum o fato de se valerem do urbano para representar os dramas cotidianos do sujeito fragmentado, vítima do processo de globalização. Assim, percebe-se que o urbano não é empregado como um simples cenário para a tessitura da narrativa. Na verdade, esse espaço é configurado a partir de movimentos com grande celeridade, contando com cenas também muito rápidas. Outro aspecto a ser observado liga-se aos narradores, que atuam sob uma submissão célere de suas representações, configurando amplamente o processo de representação e significação do urbano numa narrativa breve que desafia os limites do gênero a que pertence.

Considerações acerca do autor e do conto

Marcelino Freire, escritor pernambucano, integra o grupo de escritores que produzem Literatura Marginal. Essa expressão ficou muito conhecida no meio acadêmico por meio de edições especiais da revista *Caros Amigos*, publicadas de 2001 a 2004, intituladas “*Literatura Marginal: a cultura da periferia*”. Como assevera

Nascimento (2006), a designação passou a ser empregada para se referir às produção de autores que experimentam situações de marginalidade, tais como a social, a editorial e a jurídica e que trazem para o campo literário os termos, os temas e a linguagem igualmente marginais. Nas palavras da autora:

A ideia de um grupo de escritores que são originados e identificados com a periferia brasileira e/ou que estão ou estiveram “à margem da sociedade” (pobres, negros, rappers, presidiários, etc), e a posituação do que é característico dos espaços “marginalizados” (como o linguajar, as gírias, os valores, as formas de sociabilidade, etc) (NASCIMENTO, 2005, p.23).

Feita uma breve contextualização acerca dessa vertente da Literatura, passemos à apresentação do escritor. Marcelino Freire possui cinco livros de contos publicados: “*Angu de Sangue*”, obra publicada em 2000, “*Balé Ralé*”, datada de 2003), “*Contos Negreiros*”, que fora publicado em 2005 e vencedor do prêmio Jabuti, a obra “*Rasif: mar que arrebenta*”, publicado em 2008. Por fim, não se pode deixar de mencionar a obra “*Amar é Crime*”, publicada em 2010, constituindo-se como livro de contos mais recentes do autor.

Ao se deparar com o conjunto de tais obras, emerge uma visão um tanto quanto problematizadora de que o autor tem ao referir aos seus livros de contos. Com exceção de “*Angu de Sangue*”, todos os outros recebem uma designação diferente. Para ilustrar, vale citar a obra “*Balé Ralé*” em que Marcelino Freire trata os contos como 18 improvisos. Em “*Contos Negreiros*”, mais uma vez o autor inova ao tratar os contos de “cantos”. Na obra “*Rasif: mar que arrebenta*”, o autor emprega a expressão “ciranda, cirandinha”. Já em “*Amar é crime*”, trata o conjunto de contos como “Pequenos Romances”.

O que pode explicar essa forma ambivalente pela qual Freire designa cada uma de suas obras é a condição pós-moderna, que tem na experimentação e na pluralidade de formas a maneira para urdir o tecido cotidiano da sociedade, que se volta para a representação de grupos minoritários. Ademais, seria humanamente impossível incluir Freire em rol taxativo e rígido quanto ao convencionalismo preconizador de um gênero literário específico. Assim, é lícito afirmar que os textos de Marcelino Freire estão

situados em zonas intermediárias, podendo dizer que os contos muito se aproximam da crônica.

Cultivado no Brasil desde meados do século XIX, o conto é empregado por muitos escritores do país, podendo ser destacadas na pós-modernidade como características a brevidade, a concisão e a possibilidade infinita de temáticas, que alçam esse gênero literário a um verdadeiro desafio de escrita contemporânea. Assim, pode lhe ser conferido um aspecto multifacetado, cabendo-lhe o status de “gênero da pós-modernidade”, pois se molda a uma série de temáticas e comporta amplas técnicas de escrita, deixando muito tênue a linha ruptória entre ficção e realidade.

Empregando postulações de Almeida (2012), pode-se dizer que o conto de Freire pode ser interpretado como uma objetivação do sofrimento por meio da oralidade, posto que o autor confere esse traço ao personagem subalterno do conto. Assim, as lamentações, inquietações e dúvidas constituem-se como verdadeiros ecos do fragmentário a que tais personagens são submetidos no meio urbano.

Em “*Curso Superior*”, conto que integra a obra “*Contos Negreiros*”, o leitor é apresentado ao narrador-personagem por meio das falas e das evocações e questionamentos que o personagem faz:

O meu medo é entrar na faculdade e tirar zero eu que nunca fui bom de matemática fraco no inglês eu que nunca gostei de química geografia e português o que é que eu faço agora hein mãe não sei.
O meu medo é o preconceito e o professor ficar me perguntando o tempo inteiro por que eu não passei por que eu não passei por que eu não passei por que fiquei olhando aquela loira gostosa o que é que eu faço se ela me der bola hein mãe não sei (FREIRE, 2005, p.97).

Composto por seis parágrafos, todos se iniciam da mesma forma: “o meu medo é”. Essa forma célere de apresentar o personagem é a única forma dele ganhar voz e vez na sociedade. Assim, ao apresentar o personagem subalterno por meio de uma reiterada exposição de medos e dúvidas sem respostas, o narrador-personagem muito se aproxima do leitor, haja vista que as dúvidas deste são as mesmas do leitor, posto que se trata de uma narrativa contemporânea em que personagem e leitor estão submetidos ao mesmo drama existencial que levará à sua derrocada.

Um leitor atento perceberá um processo metafórico no conto, sobretudo, no livro do qual se extraiu o conto objeto do conto. A contar pelo título do volume, que evoca os

conhecidos cânticos próprios de alguns grupos africanos. São, na verdade, lamentações “cantadas” pelos escravos ao exercerem um trabalho brutal forçado.

Essa analogia opera-se em “Curso Superior”, conto em que o personagem tece um série de indagações, pois teme não conseguir concluir o curso na faculdade. Curso a que teve acesso por meio das ações afirmativas do governo.

Destaca-se em Marcelino Freire uma forma discursiva que leva à representação do real, como se observa em “Curso Superior”, cujo tema é o medo e a amplitude de incertezas de um jovem que é o legítimo sujeito pós-moderno, marcado pela incerteza, dúvidas, ambiguidades existenciais.

Outra característica que pode ser mencionada é o forte traço que marca o narrador-personagem ao lugar que ocupa no contexto extraliterário. A ausência de um nome, que individualizaria o personagem, permite ao leitor estender o drama a qualquer um da sociedade, mostrando, como assevera Linda Hutcheon (1995), o estágio de “descentralização do sujeito” com o intuito de mostrar e de caracterizar uma profunda mudança na questão cultural em que ocorre uma profunda alteração nas representações. É o momento em que o centro cede lugar à periferia, à marginalidade, às diferenças e aos subalternos.

O meu medo é a loira gostosa ficar grávida e eu não sei como a senhora vai receber a loira gostosa lá em casa se a senhora disse um dia que eu devia olhar bem para a minha cara antes de chegar aqui com uma namorada hein mãe não sei.

O meu medo também é do pai da loira gostosa e da mãe da loira gostosa e do irmão da loira gostosa no dia em que a loira gostosa me apresentar para a família como o homem da sua vida será que é verdade será que isso é felicidade hein mãe não sei.

O meu medo é a situação piorar e eu não conseguir arranjar emprego nem de faxineiro nem de porteiro nem de ajudante de pedreiro e o pessoal dizer que o governo já fez o que pôde já pôde o que fez já deu a sua cota de participação hein mãe não sei (FREIRE, 2005, p.97).

Vê-se um verdadeiro exemplo do atual estágio das produções literárias na contemporaneidade: a arte mantém um diálogo amplo com a realidade da qual participa. Pode-se alçar a narrativa contemporânea como legítima forma de representação da realidade. Essa lógica opera no conto cotejado, uma vez que o personagem protagonista é um ser tipicamente fragmentado da pós-modernidade, que vive à margem pela

maneira como se propaga o processo de globalização. A esse respeito, vale a tese sustentada por Ianni (1994), que reconhece o declínio do indivíduo. O autor sustenta que o próprio homem é responsável pelas condições de materialidade e de espiritualidade no que se refere a uma subordinação e possível dissolução. “A mesma fábrica da sociedade global em que se insere e que ajuda a criar e recriar continuamente, torna-se o cenário em que desaparece” (IANNI, 1994, p.16).

É justamente, esse traço que opera em “Curso Superior”, haja vista o protagonista revelar uma ampla crise na crença e no conhecimento. Por essa razão, há uma incapacidade de se manter crente em suas convicções ao mesmo tempo em que acredita ser o conhecimento meramente transitório. Ao passo que sua crise é evidenciada pelas suas atitudes cada vez mais superficiais, ensimesmadas e fluidas.

Considerações finais

O presente texto encara a narrativa pós-moderna como a representação de uma sociedade fragmentada em que a descartabilidade das relações interpessoais é uma recorrente, gerando um indivíduo cada vez mais ensimesmado e embrutecido, o que pode levar a uma derrocada do indivíduo. Assim, longe de esgotar a amplitude desse tema, optou-se em tratar de um exemplar da tessitura pós-moderna, enfocando como o ficcional e o real se entrecruzam ao representar o sujeito fragmentado da contemporaneidade.

Na ficção literária contemporânea, observa-se a focalização de uma amplitude de temas que abordam a temática dos efeitos da pós-modernidade. Assim, emerge uma narrativa marcada pela brevidade, pela concisão, por recursos estilísticos que dão voz e vez para os personagens subalternos marcados pela dubiedade e por todas as incertezas da era pós-moderna. Assim, é lícito afirmar que essa modalidade de narrativa encontra no conto o gênero literário por excelência fazendo dele um verdadeiro exercício de escrita e reinvenção.

Referências

ABDALLA, Benjamin e CAMPEDELLI, Samira Youssef. **Tempos de Literatura Brasileira**. São Paulo. Ática, 2004.

ALMEIDA, Márcio. **A moral oral na era digital**. Acessado em: <<http://www.cronopios.com.br/site/ensaios.asp?id=5271>>. Acessado em: 18 de Janeiro de 2012.

BAUMAN, **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BRADLEY, H. **Fractured identities**. Cambridge: Polity Press, 1996.

CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite & outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989.

FREIRE, Marcelino. **Contos Negreiros**. São Paulo: Editora Record, 2005.

GARCIA-CANCLINI, Nestor. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da**

GIDDENS, Anthony. **A Constituição da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1989

HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós-modernismo**. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

IANNI, Octavio. **Teorias da Globalização**. São Paulo: Civilização Brasileira.

JAMESON, Fredric. **Pós-Modernismo e Sociedade do Consumo**. Novos Estudos CEBRAP, São Paulo n.º 12, pp. 16-26, jun. 85

LYOTARD, Jean-François. **O Pós-Moderno**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

MERCER, K. "*Welcome to the jungle*". In Rutherford, J. (org.). **Identity**. Londres: Lawrence and Wishart, 1990. modernidade. Trad. Heloísa P. Cintrão e Ana R. Lessa. São Paulo: Edusp, 1997.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. "**Por uma interpretação antropológica da literatura marginal dos escritores de periferia**". Plural. Revista do Curso de Pós-Graduação em Sociologia da USP. São Paulo, nº 12, 2º semestre de 2005 (no prelo).

PIRES, Maria Isabel Edom. **Entre ser mediador, parceiro ou produtor: o intelectual brasileiro hoje**. In: DALCASTGNÉ, Regina; THOMAS, Paulo C. (Org.). **Pelas margens**: representação narrativa brasileira contemporânea. Vinhedo: Horizonte, 2011.

PORCHEDDU, ALBA. Zygmunt Bauman: Entrevista sobre a educação. Desafios Pedagógicos E Modernidade Líquida. Tradução: Neide Luzia de Rezende e Marcello Bulgarelli. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n. 137, maio/ago. 2009

TAYLOR, Charles. **Multiculturalisme. Différence et démocratie**. Paris: Flammarion, 1994.